

Klanovicz, Jó; Arruda, Gilmar; Carvalho, Ely Bergo (orgs). *História ambiental no sul do Brasil: apropriações do mundo natural*. São Paulo: Alameda, 2012. 256 p.

Susana Cesco

Bolsista PRODOC/CAPES no CPDA/UFRRJ

Doutora em História Social IFCS/UFRRJ

susanacesco@gmail.com e susanacesco@yahoo.com.br

Recebido: 10 de setembro

Aprovado: 25 de setembro

A história ambiental, como campo historiográfico, começou a estruturar-se no início da década de 1970 e não é apenas a simples proposição de influências naturais na história humana. Talvez fruto da necessidade de entender as relações e reações dos homens com a natureza não humana e ajudar a responder os problemas complexos que enfrentamos, a história ambiental está ‘conquistando’ um espaço tão significativo no campo disciplinar da História e das Ciências Humanas e Sociais em geral. Nomes como Donald Worster, Warren Dean, ou John McNeill – apenas para citar alguns – não são mais novidades absolutas na História e suas discussões, envolvendo a relação dos homens com o mundo natural não humano, já fazem parte das reflexões não apenas dos historiadores ditos ‘ambientais’. Também não está fora do universo dos historiadores conceitos cunhados pela geografia, pela biologia, pela agronomia ou pela geologia. Aliás, esse é outro desafio da história ambiental: a interdisciplinaridade.

Em um tempo em que o desenvolvimento sustentável ou o esgotamento de recursos naturais está na pauta de políticos, ambientalistas e pesquisadores, novas perguntas também estão sendo formuladas para melhor entender a relação homens x natureza. Nesse cenário surge um livro *História Ambiental no Sul do Brasil: Apropriações do Mundo Natural*, que comprova a importância da abordagem ambiental, a diversidade e amplitude das pesquisas e sua difusão pelo Brasil.

O momento atual das pesquisas no campo da História Ambiental, com destaque para o sul do Brasil, apresenta perspectivas animadoras através desse livro organizado por Jó Klanovicz,

Gilmar Arruda e Ely Bergo de Carvalho e editado pela Alameda. O trabalho dos organizadores dessa coletânea de textos sobre a história ambiental no sul do Brasil é uma indicação de que pesquisadores brasileiros estão debatendo novas ideias e escrevendo a história do Brasil considerando a 'variável' ambiental.

Os textos enfatizam desde a dimensão simbólica de apropriação da natureza até a apropriação material propriamente dita, evidenciando a indissociabilidade da relação homem e meio ambiente. Através de estudos de casos, de momentos históricos, de locais determinados ou de personagens marcantes, o livro apresenta o desafio da história ambiental de “restabelecer os fios da complexidade que conectam terras, águas, florestas, animais e humanos” (p. 13). A própria reunião dos autores indica essa diversidade de olhares. Pesquisadores e professores experientes e jovens mestres e doutores e/ou doutorandos juntam-se nessa análise histórica do sul do Brasil.

A questão dos impactos ambientais, associados à apropriação de determinados “recursos” naturais – e a própria eleição desses elementos como recursos – é tema dos textos *A colonização e a mineração no sul de Santa Catarina, Brasil (1875-1946)* e *Transformação da natureza, urbanização e o abastecimento de água potável em Londrina, Paraná, Brasil (1970-1980)*, de Carlos Renato Carola e Gilmar Arruda respectivamente. Em *Henrique Luiz Roessler e a proteção à natureza no Rio Grande do Sul (1939–1963)* de Elenita Malta Pereira e *Entre corredeiras e Florestas: as expedições fluviais de Reinhard Maack no Paraná e Santa Catarina no início do XX* de Alessandro Casagrande, a atuação de dois personagens na apropriação, transformação e preservação da natureza é analisada com elementos da biografia e do que os autores classificam como primórdios do pensamento preservacionista.

A natureza “valorizada” quer como reserva de recursos para o futuro ou como reduto de saúde, oscilando entre o selvagem e desconhecido e o domesticado e controlado surge nos trabalhos de Ely Bergo de Carvalho e Joana Carolina Schossler. Os textos *O estado jardineiro e a gestão das florestas: uma história do Departamento de Geografia, Terras e Colonização na gestão do sertão paranaense (1934-1964)* de Carvalho e *Do território do vazio ao lugar de veraneio: paisagem e*

cultura balneária no litoral do Rio Grande do Sul de Schossler são análises interessantes sobre a mudança na relação dos homens com o meio em que vivem, caso da legislação que atuou durante o *boom* do avanço da fronteira agrícola paranaense, ou da ressignificação das praias do Rio Grande do Sul, que passam de lugares vazios e desabitados e perigosos, para áreas de lazer e veraneio.

A intervenção direta e com objetivos de mudanças, entendidas como positivas e ordenadoras da natureza selvagem, é apresentada através dos trabalhos de Samira Peruchi Moretto intitulado *Desmatar e reflorestar: a implementação do pinus elliottii no planalto de Santa Catarina, Brasil* e de Jó Klanovicz com *Produção de maçãs no sul do Brasil: uma história de apropriações técnicas*. Nesses textos os autores questionam a ideia de reflorestamento como sempre positivo, sem que sejam feitas análises de impactos ambientais ou mesmo das mudanças sociais advindas disso.

Os demais trabalhos apresentados nesse livro completam o mosaico de pesquisas em história ambiental do sul do Brasil e demonstram que novas abordagens estão enriquecendo o debate e criando referências nesse campo. *Araucária o símbolo de uma Era: a atuação da Southern Brazil Lumber and Colonization Company na história da devastação das florestas de araucária* de Miguel Mundstock Xavier de Carvalho e Eunice Sueli Nodari apresenta a discussão acerca do papel que uma grande empresa pode desempenhar na história de uma região, condicionando as transformações ambientais na região de sua instalação e, mais que isso, influenciando política, social e economicamente os rumos da floresta e da sociedade em questão. *Navegação e conquista: o Rio Iguaçu para a província do Paraná (1956)* de Cezar Karpinski e *Estrada da mata: a criação de gado e a formação social do planalto de Santa Catarina (século 18 ao 20)* de Cristiane Fortkamp também acrescentam possibilidades à relação da história com o meio ambiente na medida em que abordam “o papel” de um rio como rio, como recurso e como caminho na história do Paraná e a relação da sociedade com elementos não humanos na formação de sua história, respectivamente.

Como resultado percebe-se que temas transversais importantes a diferentes áreas do conhecimento, quando analisados sob o ponto de vista da história ambiental, permitem o debate e estimulam novas abordagens e pesquisas. É importante destacar também que os trabalhos

desenvolvidos e aqui divulgados são criteriosos em suas pesquisas e, mesmo com estilos diferentes – uns com reflexões e análises mais amplas e outros mais descritivos - ampliam as possibilidades de análise histórica e da relação do homem com o meio ambiente. Os resultados percebidos nessa coletânea são exemplo disso e reforçam a ideia de que temas já pesquisados e com versões já publicadas, quando analisados sob o foco da história ambiental, apresentam novos elementos e personagens até então ocultos da história.

Esse livro, organizado por Klanovicz, Arruda e Carvalho, demonstra que os temas socioambientais estão sendo debatidos de forma qualificada por pesquisadores, estudantes e professores e que os resultados começam a aparecer através de iniciativas bem sucedidas como essa, apresentando o campo e mostrando alguns “frutos”, além de servir de estímulo para alunos, professores, pesquisadores atuais e/ou potenciais da historia ambiental.